

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

TEMPOS DO VIVER EM “QUINCAS BERRO D’ÁGUA”, DE SÉRGIO MACHADO

PEDRO WILDEMBERG RIBEIRO PEREIRA¹

KÁTIA CARVALHO DA SILVA ROCHA¹

AFILIAÇÃO

¹UEMASUL – CCHSL – R. Godofredo Viana, 1300 - Centro, Imperatriz - MA, 65900-000.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar em detalhes o filme “Quincas Berro D’água” (2010), dirigido por Sérgio Machado, que é uma adaptação do renomado romance “A Morte e a Morte de Quincas Berro D’água” de Jorge Amado. A análise será conduzida tendo como base a Teoria da Adaptação de Linda Hutcheon (2011), permitindo-nos, assim, explorar os diálogos, as convergências e divergências que essa obra cinematográfica mantém em relação ao texto fonte. No cerne dessa análise, destacaremos a representação da cultura popular brasileira, especialmente no que diz respeito ao comportamento carnavalesco que é evidenciado na figura de Quincas Berro D’água e seus amigos de bebida. Esse aspecto também se manifesta na construção visual e na atmosfera que permeia o filme, assim como na trilha sonora que o acompanha. Dessa forma, a adaptação assume uma estética festiva e cômica, criando uma experiência de imersão única para o espectador, o que nos leva a refletir sobre os limites da busca por autenticidade e liberdade em meio às amarras e expectativas sociais, como representado na vida de Quincas Berro D’água. Para embasar nossa análise, utilizamos como base teórica o livro “Do Texto ao Filme” de Xavier (2003), a crítica à obra de Vasques e Schiochetti (2012) e Rocha (2016), bem como o artigo seminal “Dialética da Malandragem” de Antonio Candido (1970), que nos permite discutir a representação do “malandro” como uma versão brasileira dos clássicos pícaros da literatura. Nesse contexto, a adaptação cinematográfica de “Quincas Berro D’água” emerge como uma expressão viva da riqueza cultural e literária do Brasil, explorando a complexidade das relações entre a obra original e sua transposição para a tela grande. Esta análise nos convida a compreender melhor como o cinema pode reinterpretar e enriquecer narrativas literárias, preservando ao mesmo tempo sua essência e adicionando camadas de significado à história de Quincas Berro D’água.

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação cinematográfica; Arte popular brasileira; Jorge Amado.

INTRODUÇÃO

O imaginário coletivo, comumente, considera como principal critério de avaliação da qualidade de uma obra adaptada sua fidelidade com o seu texto-fonte. No entanto, a teoria da adaptação esclarece que a obra adaptada não necessita dessa subserviência perante a obra

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

escrita, uma vez que a adaptação assume novas formas, novos signos e novas potências comunicativas.

Assim, é necessário enxergar a adaptação como produto e processo. Produto, quando interpretada como obra finalizada que mantém relações de intertextualidade com o texto motivador. Processo, quando se observa as escolhas feitas pelo adaptador para a elaboração da releitura da obra, como explicado por Hutcheon (2011).

Neste contexto, expõe que durante o processo de adaptação existem dois momentos internos a obra que se completam na produção de sentido. O primeiro, refere-se à delimitação da abordagem adotada, quando um adaptador seleciona através de sua ótica uma das possíveis interpretações para ter como base em seu novo produto. O segundo, diz respeito a expansão do potencial de geração de sentido, quando o receptor dialoga com esse novo objeto e tem suas próprias decodificações.

Com isso, enxerga-se não só a revitalização das obras, como o convite a obra escrita através da curiosidade. Além disso, a obra ao assumir uma nova estética, seja essa escrita ou performativa, assume também a possibilidade de novas leituras.

Portanto, esse trabalho analisa as representações populares/carnavalesca de brasilidade, principalmente no contexto de Salvador, Bahia, cenário em que se passa ambas as obras. Isto posto, discorrerá sobre como Quincas (Paulo José) funciona por vezes como uma personificação do carnaval.

METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho, se segmenta em momentos distintos. A princípio, foi realizado o recorte do corpus, sendo, adaptação cinematográfica “Quincas Berro D’água” de Sérgio Machado adaptada do livro “A morte e a morte de Quincas Berro D’água” de Jorge Amado, na perspectiva de uma nova leitura da palavra para a imagem. Seguidamente, foi feito a leitura e fichamento das teorias da adaptação, especialmente, nos estudos de Linda Hutcheon (2011) e Xavier (2003), assim como nos escritos sobre a leitura dos estudos cinematográficos de Carrière (1994) e Deleuze (2018). Finalizando assim, a análise/leitura do filme “Quincas Berro D’água” de Sérgio Machado.

Desse modo, a análise foi pautada a partir de uma perspectiva “comparativa”, relegando o ato único de comparar uma obra a outra, visto que vários estudos da teoria da

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

adaptação contrariam uma abordagem que se limita a “comparar” uma obra a outra, inferindo uma relação de subserviência de uma manifestação artística para com a outra, comumente, do cinematográfico para o literário. Portanto, em uma análise pautada na teoria da adaptação, ao realizar o confronto entre as obras, busca-se estabelecer os diálogos permanentes que elas constroem entre si.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os objetos de análise partem da mesma história/diegeese, a história de Joaquim Soares da Cunha, de início, um respeitável funcionário público que eventualmente abandona sua família como consequência dos tratamentos recebidos por sua mulher – Dona Otacília – para viver dos prazeres boêmicos da noite de Salvador.

No entanto, os títulos marcam o primeiro afastamento das obras, enquanto o livro de Jorge Amado é denominado “A morte e a morte de Quincas Berro D’água”, em que a repetição do substantivo “morte” demonstra que o foco do discurso são as múltiplas mortes do protagonista Quincas Berro d’água, o filme de Sérgio Machado tem como título apenas “Quincas Berro D’água”, levando para os holofotes a vida da personagem vivida por Paulo José.

No que se refere ao início da trama, o filme tem seu início com o corpo de Quincas se afundando na água enquanto desenvolve-se o monólogo, “Aqui estou eu no fundo da Bahia de todos os santos, morto mas com a boca fechada pra não beber água, é a segunda vez que eu morro hoje, parece mentira, e talvez seja mesmo, pouco importa”. Enquanto o texto-fonte tem seu início marcado pela lenda criada sobre a morte, ou por assim dizer as mortes de Quincas Berro D’água, ambos os objetos são narrados *in ultima res*.

Neste contexto, observa-se no livro características do realismo mágico, em que pressupõe a dúvida sobre o óbito de Quincas, dúvida esta representada no momento em que seus amigos vão visitar seu velório e observam um sorriso no corpo do protagonista. Todavia, essa dúvida se torna inexistente no filme.

Uma possibilidade de interpretar essa alteração é a de que isso se deva a uma nova criação do cineasta, pois ao realizar a transposição da obra, poderá alterar o que considerar plausível. Considerando que, segundo Xavier (2003), o cineasta tem independência artística para recriar a obra, Sérgio Machado usou dessa liberdade para escolher o ponto de vista

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

narrativo, em que ele deixa a dúvida sobre morte somente às personagens e não para o espectador, divergindo da produção de Jorge Amado.

As autoras ainda lembram que para que se evidencie essa afirmação, tem-se como amostragem o trecho entre os minutos 34 e 36, em que a jia de Pé-de-Vento salteia em cima o coração (figura 1) e Quincas e seus amigos interpretam isto como um sinal de sua “vida”. O mesmo acontecimento se desenrola de uma forma divergente no livro do autor baiano, a jia passeia e pula pelo corpo do defunto, mas jamais simula esses batimentos cardíacos.

Essa divergência na trama pode ser justificada por uma escolha do adaptador/diretor por uma narrativa que em sua ótica seria mais factível ou crível pelo espectador. Assim, não se encontra, na maioria das cenas, a dúvida básica sobre Quincas está morto ou não, uma vez que no filme, os acenos são consequências de movimentos feitos por Cabo Martin.

Todavia, esse cenário em que a morte é uma verdade incontestável chega a ser (por mais que de maneira sutil) botado em dúvida logo após a cena fuga da delegacia, durante o trecho 1:10:00 a 1:13:00, em que o Pastinha (Flávio Bauraqui), menciona um sorriso no rosto de Quincas, “Tá Sorrindo!/eita homem pra gostar de uma esculhambação.

O diretor resolve a questão do narrador (uma vez que normalmente não se tem narrador em obras fílmicas já que essas são imersivas muito mais que contadas), posicionando Quincas Berro D’água como uma voz que comenta exterior à cena, como se esse comentasse (e zombasse) os acontecimentos do além, confirmando assim a suposta morte da personagem.

Outrossim, é possível observar em Quincas semelhanças aos clássicos malandros da literatura brasileira, uma vida na boemia, guiada pela liberdade e prazeres efêmeros. Antônio Candido em seu artigo Dialética da Malandragem (1970), discorre que essa versão brasileira de Pícaro (o Malandro), surge as vezes para representar um substrato popularesco, como para trazer dilemas sobre relações sociais e conceitos de liberdades.

Além disso, o cenário de boêmio contumaz é a reafirmado no perfil de eterno carnavalesco de Quincas. Para que se enalteça essas características, em muitas das cenas em que o protagonista está na companhia de seus amigos (cabo Martin, Pastinha e Pé-de-Vento), escuta-se ao fundo músicas que remetem o Bumba meu boi e de outras festividades de carnaval.

CONCLUSÕES

Ao pensarmos sobre a construção discursiva de ambas as obras, necessitamos refletir

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

sobre as representações sobre limites. Quando Joaquim Soares da Cunha, o limite da conformidade e da submissão de uma vida infeliz apenas para manter o estereótipo patriarcal de família, após Quincas Berro D'água, os limites da boêmia, dos prazeres efêmeros, tão disruptiva é a relação do protagonista com os limites chega a morrer múltiplas vezes. Primeiro, a morte de Joaquim Soares da Cunha, no momento em que este abandona sua família, após isso, no livro de Jorge Amado, a possibilidade de mais duas novas mortes.

A obra de Jorge Amado também traz à tona discussões sobre marginalização e as diferentes formas de viver a vida. Quincas Berro d'água escolhe uma vida à margem da sociedade, mas essa escolha é vista com desconfiança e escárnio por aqueles que vivem dentro das regras estabelecidas. Através dessa caracterização, o autor critica a hipocrisia e a rigidez das estruturas sociais, questionando quem verdadeiramente está vivendo uma vida mais genuína - aqueles que seguem as convenções ou aqueles que desafiam essas normas.

Em última análise, “a morte e a morte de Quincas Berro d'água” oferece uma visão perspicaz das tensões entre individualidade e sociedade, liberdade e conformidade, e nos convida a questionar o significado da autenticidade em nossas próprias vidas. Através do simbolismo do personagem-título, Jorge Amado nos leva a refletir sobre como definimos nossa identidade em um mundo cheio de expectativas e pressões sociais, convidando-nos a explorar as múltiplas facetas da complexa experiência humana.

Em conclusão, a adaptação de Sérgio Machado apresenta uma oportunidade fascinante de explorar os temas e as nuances do trabalho literário por meio da linguagem visual e do poder do cinema. A história de Quincas Berro d'água, um homem que busca sua própria autenticidade e liberdade em meio às expectativas sociais, ganha vida de maneira ainda mais cômica e elusiva nas telas, permitindo que o público mergulhe nos conflitos da trama.

A transformação de um romance literário em um filme envolve desafios significativos, desde a seleção do elenco adequado até a captura da atmosfera distintiva da narrativa. A equipe por trás da adaptação enfrenta a tarefa complexa de equilibrar os novos significados que surgem a partir desse novo objeto artístico, com a memória afetiva existente de uma obra desta magnitude. Nesse sentido, a adaptação de “Quincas Berro d'água” destaca como a interpretação visual pode adicionar camadas de significado às palavras escritas, enriquecendo a experiência do espectador.

Ao mesmo tempo, é crucial reconhecer que uma adaptação cinematográfica não substitui a obra literária original, mas sim oferece uma perspectiva única que complementa o

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023- Imperatriz - MA

universo do livro. Através das escolhas de direção, cinematografia e design de produção, a adaptação pode proporcionar ao público uma visão renovada dos personagens, cenários e conflitos, instigando uma apreciação mais profunda da narrativa. Isso, por sua vez, pode até inspirar espectadores a se aventurarem na leitura do livro, abrindo portas para uma compreensão mais completa e enriquecedora da história de Quincas Berro d'água.

Por fim, a adaptação cinematográfica de “a morte e a morte de Quincas Berro d'água” é um lembrete poderoso do impacto duradouro da narrativa de Jorge Amado. Ao cruzar fronteiras literárias e cinematográficas, a história de Quincas continua a ressoar com audiências de diferentes formas, capturando a essência das lutas humanas por liberdade, autenticidade e aceitação. Tanto o livro quanto o filme possuem um papel valioso a desempenhar na celebração da complexidade da condição humana e na eterna busca por significado em meio às convicções da sociedade.

APOIO FINANCEIRO

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos de periódico/jornal:

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Revista do Instituto de estudos brasileiros, São Paulo, ed. 8, p. 67-89, 1970.

ROCHA, Samara Pereira Baleeiro. A (des)construção de Quincas Berro D'água: Escrita engajada e polifônica em Jorge Amado. II DIVERMINAS, [s. l.], v. 4, n. Especial, 2016.

VASQUES, Priscila Ceballos; SCHIOCHETTI, Vinicius. A relação entre literatura e cinema em Quincas Berro D'água. ANAIS ELETRÔNICOS DO VI Colóquio de Estudos Literários: Diálogos e Perspectivas, Londrina, p. 127-140, 2012.

Livros e capítulos de livros:

AMADO, Jorge. A morte e a morte de Quincas Berro D'água. 77. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

KRISTEVA, Julia. Introdução à semanálise. São Paulo: editora perspectiva s.a., 1974.

STAM, Robert. Realismo, magia e a arte de adaptação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: A trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: ___. O olhar e a cena Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 61 89.